



**Textos para reflexão e ação:** Entre os dias 12 e 17 de outubro de 2020, a Marcha Mundial das Mulheres encerra sua 5ª Ação Internacional, com o lema "Resistimos para viver, marchamos para transformar". Preparamos uma série de textos e áudios que serão publicados ao longo desta semana, resgatando as lutas de nossa 5ª Ação Internacional, as nossas alternativas feministas e a nossa história. No dia 17, faremos uma grande atividade virtual internacional, às 10h. A 5ª Ação Internacional se encerra, mas a luta feminista segue, forte e permanente: resistindo para viver, marchando para transformar!

## **Texto #4: A economia feminista e solidária**

### **As lutas das mulheres frente à ofensiva capitalista**

No período atual, o Brasil tem sofrido ataques à democracia devido ao avanço da ultradireita, que pensa e conceitua a economia apenas como dinheiro, lucro e mercado. A agenda ultraneoliberal iniciada por Temer e aprofundada por Bolsonaro/Mourão/Guedes mostra sua incompatibilidade não só com a vida humana, mas com a vida da natureza e com a democracia. Vivemos num sistema capitalista, patriarcal e racista que determina diversos aspectos de nossas vidas.

Essa retomada com toda força das políticas neoliberais resultam no desmonte do Estado, com a privatização da saúde, da educação, a venda de riquezas naturais para transnacionais e a utilização de mão de obra barata, o que diminui a renda das famílias, aumenta a desigualdade social e a concentração de renda. No Brasil, as várias reformas trabalhistas e da Previdência, solaparam os direitos da classe trabalhadora, sequestrando a dignidade de idosos/as e qualquer tipo de presente ou futuro para a juventude e filhos/as da classe trabalhadora. Com a atual Reforma da Previdência a tendência é a saída da mulher do mercado de trabalho público ou tendo seus trabalhos ainda mais instáveis, sazonais, precarizados, com piores remunerações e se sujeitando a condições muitas vezes insalubres em troca de um serviço e o aumento do trabalho doméstico e de cuidados, desprezando cada vez mais a existência das mulheres no mundo econômico.

O modelo econômico sobrecarrega as mulheres com o trabalho doméstico e de cuidados, retirando creches públicas, escolas em tempo integral, e políticas públicas de cuidados aos



idosos/as e pessoas com deficiência, sem fornecer as condições para que as mulheres tenham sua autonomia econômica. A sociedade capitalista ignora que os bens naturais são limitados e cria uma sensação falsa de autonomia do planeta, da natureza e das pessoas.

As mulheres, porém, não se calam. Toda a luta contra a ALCA, o neoliberalismo e o livre comércio impulsionou a construção/recomposição de um campo feminista e anticapitalista baseado na auto-organização, local, passando pelo regional e internacional. No Brasil as mulheres foram as responsáveis pelos grandes atos desde o golpe de 2016, seguido pelo ano eleitoral em 2018 com os protestos por “Ele Não” e no ano de 2019 com o 8 de março e a Marcha das Margaridas no Brasil. Agora no ano de 2020, com a Marcha Mundial das Mulheres completando 20 anos de luta e resistência, a 5ª Ação Internacional demonstrou e demonstra as denúncias aos ataques aos direitos das mulheres, mas trazendo também para fortalecer a organização na luta e mobilizadas em defesa de nossos direitos e por uma sociedade mais justa e igualitária.

### **As mulheres constroem alternativas**

Para nós, a economia tem que estar no centro da manutenção da vida, vista como tema cotidiano e não como assunto de especialista e apenas monetário. Considerando que somos interdependentes e ecodependentes, quando falamos de vida estamos falando da vida humana, dos biomas e de tudo o que tem neles, animais, florestas, águas, terras. Precisamos de cuidados, isso vale para os humanos e para a natureza. A economia feminista vista por nós da Marcha Mundial das Mulheres é feita por um caminho para construir uma comunidade com laços sociais, compreendendo a natureza e seus limites – água, solo, animais, plantas e a vulnerabilidade da vida humana – precisamos de cuidados em várias fases de nossas vidas. Além desses elementos, uma economia com base nas relações entre as pessoas, na valorização do tempo utilizado nos trabalhos domésticos e de cuidados, ou seja, além de bens e serviços a economia leva em consideração afetos e relações. Considerar essas questões como movimento feminista antirracista anticapitalista são nossa base para uma sociedade justa.

O sistema capitalista não gera dignidade, pelo contrário, trata tudo, inclusive a vida humana como recurso disponível para aumentar o capital privado. Como alternativa a esse sistema que gerou uma era de destruição, pensar uma economia feminista é pensar no fazer das mulheres, em todo o campo reprodutivo.



É necessário pensar a divisão social sexual e racial do trabalho no roubo do tempo das mulheres, pensando o tempo como uma questão coletiva e não individual que detém inclusive relações de poder, é pensar na possibilidade de desenvolvimento de uma sociedade onde o cuidado seja tarefa de todas/os e não trabalho expropriado das mulheres, onde a economia e os bens para sobrevivências sejam do alcance de todas, produzidos com respeito ao meio ambiente, já que as dimensões ecológicas e dimensões feministas estão interligadas. Outra alternativa que vários grupos de mulheres estão fazendo é ampliando os laços entre campo, floresta, águas e áreas urbanas, fortalecendo assim a luta e resistência, várias experiências para uma nova estrutura econômica pautada na Agroecologia que envolva solidariedade, coletividade, com consciência que fazemos parte da natureza e que dependemos da natureza para viver.

Um dos maiores desafios de colocar na pauta e prática essa mudança de sistema é construir um discurso teórico e promover vivências práticas com a militância feminista, setores populares e juventude sobre a Economia Feminista de Ruptura de mudar o mundo, das pessoas estarem como interventoras, tomadoras de decisão e não adaptadas, adequadas ao modo como o mundo está para que as pessoas assumam essa postura crítica de não adaptação. É um trabalho pedagógico. Assim, enxergamos a formação, auto-organização e solidariedade como um tripé para o nosso caminhar e as marchas históricas pelo mundo como fortalecimento e inspiração.

## **O enfrentamento à pandemia**

Vivemos um momento histórico de Pandemia em que o cenário e o destino de nossas vidas é incerto. O distanciamento social, recomendado pelas autoridades em saúde para reprimir a proliferação da Covid-19, a nível nacional e mundial, apresenta-se como principal meio para conter o avanço do vírus entre a população. Enquanto o mundo pensa formas de combater a pandemia, o Brasil está na contramão, além de negar com veemência a gravidade da pandemia, demonstra completo desprezo pela vida das pessoas que vivem do seu trabalho, ao não dar as mínimas condições para que as pessoas fiquem em casa, aproveitando e flexibilizando o distanciamento, aprovando cada vez mais a sua agenda de financeirização, privatização e mercantilização de todos os nossos direitos, o desmatamento de todos os nossos biomas e retrocessos em todas as políticas sociais.

As mulheres nesse momento de crise sanitária são as mais afetadas. E mais do que nunca as mulheres constroem a economia feminista e solidária e a democracia em diferentes setores da



sociedade, buscando a soberania e autodeterminação dos povos com interação fraternal entre as nações. Precisamos lutar pelo rompimento com as amarras estabelecidas por esta conjuntura ultraneoliberal, com características concentradora de riquezas, insustentável, conservadoras e neoimperialista.

A solidariedade entre os povos, com uma dimensão internacional, é um elemento de resistência aos ataques e ao neoliberalismo/imperialismo. Dessa forma, lutar para construir nações soberanas e estabelecer assim instrumentos políticos, sociais, econômicos e ambientais que nos permitam consolidarmos como povos livres e soberanos. A nossa luta é diária, os venenos chegam às mesas das grandes cidades, as doenças que vem dos alimentos contaminados, a luta por uma aposentadoria justa, saúde e educação pública de qualidade e moradia para todos/as, o fim da violência contra mulher e o feminicídio. Muitas pautas nos unem e nossa organização nos fortalece.

Assim, refletirmos acerca de como as lutas sociais podem intensificar nossas ações na mobilização anti-imperialista, frente à barbárie promovida pelo capital transnacional e seus tratados comerciais desiguais e combinados por uma agenda ultraneoliberal, insustentável. Devemos tomar esse momento como um momento de para pautar essa transição de sistema, para visibilizar a luta das mulheres e as alternativas por elas alcançadas e as que ainda serão percorridas, reafirmando a soberania dos povos.